

O Equilíbrio dos Impossíveis — Uma Espiritualidade Oriental

EDUARDO KOL DE CARVALHO*

RESUMO: Cada nação tem o seu próprio carácter peculiar, e o japonês em particular, é um ser religioso porque supersticioso, que teme a Deus (ou aos deuses), a si, aos outros, ao grupo e ao ambiente — as ilhas que habita, o mar que o envolve e o céu que o observa. Para se proteger de tudo e de todos, o japonês encontrou no xintoísmo primeiro, e no budismo depois, princípios e crenças que o moldam no diálogo com a natureza e com a sociedade. Escapou-lhe o cristianismo, que propunha a síntese de todas as crenças, mas impunha o monopólio da verdade.

Entre a fúria dos elementos e a fúria dos homens, o japonês acha-se protegido pelo xintoísmo e pelo budismo. O japonês é talhado por cinzel xintoísta, mas com mão budista. Ensinado a admirar o belo, o japonês recria o meio contido e exemplar, onde procura uma espiritualidade minimalista, depurada e disciplinada tão bem sintetizado no jardim japonês.

Entre a religiosidade budista e o amor à natureza protagonizado pelo xintoísmo, o japonês procura o belo e o perfeito num equilíbrio (quase) impossível.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritualidade; Budismo; Xintoísmo; Harmonia; Jardim japonês.

INTRODUÇÃO

O homem, ser inteligente, talhando o território desde os primórdios da civilização, foi construindo um *habitat* tendencialmente desequilibrado que diariamente interfere com a sua natureza física e psicológica. A contrapor a esses desequilíbrios, o homem, e o homem oriental, procurou sempre na religião, através das suas convicções profundas, a estabilidade dos elementos e do seu ser.

S. Francisco Xavier,¹ o ‘Apóstolo do Oriente’, ao chegar ao Japão em 1549, foi confrontado com

a espiritualidade dos nativos que repartiam a sua identidade entre duas confissões religiosas, que defendiam ser o garante do equilíbrio do homem e da natureza. Se o xintoísmo procura a harmonia do mundo natural, o budismo oferecia ao homem o equilíbrio do seu ser, como defendia Nishitsu, o *bozo* interlocutor de Francisco Xavier.

O budismo, fundado pelo Príncipe indiano Siddhartha Gautama, defende o caminho intermédio entre a austeridade e o prazer na busca da interiorização religiosa, do equilíbrio e da ‘iluminação’. Fundamentado

* Eduardo Kol de Carvalho é arquitecto. Foi Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal em Tóquio (1991–2007). Actualmente ocupa o cargo de presidente da Secção Asiática da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Eduardo Kol de Carvalho is an architect. He was Cultural Counselor of the Embassy of Portugal in Tokyo (1991–2007). Currently, he is president of the Asiatic Commission of the Geographic Society of Lisbon.



Fig. 1: O budismo foi introduzido no Japão no ano de 538, no período Asuka. A cabeça do Daibutsu de Kamakura, Grande Buda, de bronze (1252), é obra do período Kamakura (1192–1333). Fotografia do autor.

nas quatro nobres verdades — a vida é cheia de sofrimento; o sofrimento provém da ânsia; o sofrimento pode terminar se se eliminar a ânsia; o meio de atingir a paz interior (nirvana) é através das oito vias sagradas, o budismo passou à China e foi adaptado pelos imperadores chineses no século I, e introduzido no Japão no século VI. Com o budismo, a sua filosofia e os seus ritos, o Japão incorporou os ideogramas chineses — a escrita e os clássicos chineses — que formataram o seu pensamento ao longo dos séculos.

A ORIGEM MITOLÓGICA DO JAPÃO

As ilhas japonesas, tão sensíveis aos fenómenos naturais, muitos de extrema violência, careciam

necessariamente de espíritos que conciliassem os seus habitantes com as forças do ambiente, que os japoneses cedo encontraram nos *kami* do xintoísmo; mas faltava-lhes a interioridade do ser humano e a força da harmonia que foram buscar ao budismo.

Nesta complementaridade de forças e de espíritos protectores da natureza e do homem, tentou o cristianismo de S. Francisco Xavier penetrar, defendendo os missionários a existência de um só Deus, Criador do Céu e da Terra.

No Japão moderno, após a derrota do país na Segunda Guerra Mundial, é de todos conhecida a renúncia do Imperador Hirohito à sua origem divina. No dia de ano novo de 1946, o Imperador Hirohito, na chamada ‘Declaração de Humanidade’, negou o mito de ser *kami* vivo e assumiu a sua condição de comum mortal. Até então, o soberano nipónico era dado como descendente de Amaterasu, a deusa do Sol, porque a formação do Japão é uma coisa muito séria, uma história que mete deuses.

De acordo com *Nihongi, Chronicles of Japan from the Earliest Times to A.D. 697*, e à semelhança da Bíblia, no princípio era o caos, no meio do qual surgiu uma divindade, *kami*.² Ao cabo de sete gerações de deuses, Izanagi, o deus macho, e Izanami, a deusa fêmea, criaram as ilhas japonesas. De acordo com a lenda, lá do céu olharam para o mar e por meio do sal marinho formaram uma primeira ilha, à qual desceram. Do acto de procriação nasceram então as outras ilhas, com todos os seus atributos naturais, montanhas, árvores, rios, animais e minerais, que formaram o arquipélago japonês. Ao dar à luz o deus do Fogo, Izanami morreu queimada. Izanagi, o esposo, não se conformou e, com saudades da mulher, visitou-a na terra dos mortos. Depois de promessas de que não olharia para ela senão quando voltassem ao mundo dos vivos, o esposo, não resistindo ao prometido, abriu os olhos e deparou com Izanami em decomposição. Izanagi foi depois perseguido pela fúria da mulher e por pouco escapou à sua perseguição, mas, por ter estado na terra



Fig. 2: O Templo Todaiji em Nara, a maior estrutura de madeira, foi reconstruída entre 1121 e 1206. Fotografia do autor.

dos mortos, que é a maior das profanações, resolveu purificar-se nas águas do rio. Quando lavava o olho esquerdo, nasceu a deusa do Sol, Amaterasu, e do seu nariz nasceu Susanoo, o deus do Vento, e ao lavar o olho direito nasceu Tsukiyomi, o deus da Lua. Izanagi concedeu a Amaterasu o domínio dos céus, a Susanoo o domínio dos mares e a Tsukiyomi o domínio da noite.

Um dia, o deus dos Mares, Susanoo, quis visitar a mãe na terra dos mortos e decidiu despedir-se da irmã mais velha. Surpreendida e desconfiada, Amaterasu desafiou o irmão a provar a sua sinceridade e os dois irmãos começaram a cuspir jóias que tiravam dos pertences um do outro. Amaterasu deu à luz três filhas das jóias de Susanoo e o irmão fez nascer cinco rapazes das jóias de Amaterasu. Os rapazes, assim nascidos da espada de Susanoo, eram filhos dela e as raparigas, nascidas dos brincos de Amaterasu, eram filhas dele.

Mas, como, por natureza, era muito turbulento, Susanoo, o deus dos Mares, destruiu os campos de arroz e acabou por ser banido do céu para a terra de Izumo, na província de Shimane, na costa do mar do Japão. Amaterasu, então rainha, acabou por enviar o filho Ninigi para governar a Terra. Jinmu, neto de Ninigi, foi o primeiro imperador (*tenno*) no ano de 660 a. C. e, de acordo com a tradição, o actual imperador é o 127.º na linha de sucessão. É esta a lenda que conta a formação da casa reinante do Império do Sol — nascente e que está na gênese do Japão.

ESTILO ARQUITECTÓNICO DE SANTUÁRIO XINTOÍSTA

Todas as localidades japonesas têm um santuário protector, *jinja*, e, entre todos, o de Ise é o maior e o mais importante. Este santuário, dedicado a



Fig. 3: Habitantes dum território sensível a fenómenos naturais extremos, os japoneses procuraram espíritos que conciliassem os seus habitantes com as forças do ambiente. Fotografia do autor.

Amaterasu, foi mandado construir em Ise no ano de 300 d. C. pela Princesa Yamato, que serviu de *medium* à deusa para a escolha do local. Ise, a província do vento divino (*kamikaze*) por ser a terra para onde se dirigem as ondas do ‘mundo interno’, é o santuário protegido pelo imperador, que tem por obrigação reconstruí-lo a cada vinte anos com os materiais mais puros encontrados em todo o Japão.

Embora contrariando um pouco o sentimento japonês, que prefere a *patine* do tempo nos objectos ligados à vida terrena, a sensibilidade xintoísta valoriza as coisas novas e frescas no que diz respeito aos deuses e, por semelhança, aos bens públicos. Por essa razão,



Fig. 4: A vida espiritual dos japoneses é orientada pelos *shinshoku* xintoístas e os bonzos budistas. Fotografia do autor.

não só o santuário de Ise é reconstruído, como se refazem os seus tesouros.

Em Tóquio, cidade em permanente mutação e valorização, assisti a certa altura à colocação de um pavimento de pedra aparelhada num dos principais passeios do Parque de Hibiya, o ‘*Central Park*’ da capital japonesa. Passados alguns anos, como a pedra tivesse ganho a *patine* natural do tempo, tornando-se mais bela ao meu olhar, foi toda ela, para meu espanto, bujardada, cumprindo-se assim a sensibilidade xintoísta.

Além do estilo arquitectónico que distingue um templo budista de um santuário xintoísta, há diversos elementos que identificam imediatamente

ESTUDOS DE CULTURA



Fig. 5: Quioto, capital (794–1868) e residência do imperador, serviu durante esses séculos de base para a construção dos mais delicados e sofisticados jardins. Fotografia do autor.



Fig. 6: Jardim do santuário Kamowakeikazuchi-jinja, Quioto. Fotografia do autor.

a casa dos *kami*. Um santuário xintoísta tem sempre a antecedê-lo, ou como prenúncio da entrada, um portal, constituído por dois pilares e por uma trave, a que se chama *torii*, que significa, literalmente, o poiso dos pássaros e representa na religião xinto a separação entre o mundo comum e o mundo divino. Depois, cada santuário é adornado com cordas e papéis, os *kami*, que são os símbolos xintoístas. O badalo que os fiéis tocam para anunciar ao deus que chegaram para orar e a caixa das oferendas para onde os fiéis atiram os seus donativos são os atributos dos santuários.

O XINTOÍSMO NA EDUCAÇÃO CÍVICA

O xintoísmo, ou a via dos *kami*, é a religião nativa japonesa. São estes *kami* espíritos ou divindades

que encarnam a natureza e também as coisas simples. Há *kami* para as montanhas, árvores, rochas, rios, oceanos, mas também os há para os seres vivos.

Os *kami* não têm necessariamente de ser bons, reconhecendo-se com isso que os espíritos da natureza tanto podem ser construtivos como destrutivos, uma vez que os japoneses vivem permanentemente debaixo da fúria dos elementos, como tremores de terra, tufões, maremotos, enxurradas, vulcões e outras calamidades.

E os homens? Os homens são naturalmente bons. Se calhar, desconfiados, mas fiéis às suas convicções, bons anfitriões, tenazes no trabalho, gente que não esmorece mesmo com as adversidades da natureza, ou, se calhar, por causa delas, gente educada e cortês.

A educação cívica no Japão, moldada pela



Fig. 7: No jardim seco, a água é substituída por gravilha e rochas, numa criação de espaços dedicados à meditação e à tranquilidade. O exemplo mais conhecido do jardim zen é o do Templo de Ryoan-ji, em Quioto. Fotografia do autor.

insularidade, tem matriz xintoísta. Os japoneses aprendem desde os bancos da escola como viver em sociedade.

A educação cívica faz parte do currículo escolar e a vida do aluno é norteada pelo cumprimento da disciplina do grupo. Dos 6 aos 14 anos, ou seja, do 1.º ao 9.º ano de escolaridade, o Ministério da Educação estipula um programa de educação cívica, que vai naturalmente evoluindo em complexidade com a idade, mas abarca sempre quatro princípios básicos: a relação do jovem consigo, com os outros, com a natureza (e com as divindades) e com a sociedade.

Na sua relação consigo, os mais pequenos são ensinados a manter uma vida saudável e regrada, a serem bem-comportados e honestos, evoluindo depois para conselhos, como a independência, a persistência, a coragem, a alegria de viver, a procura de objectivos, a reflexão sobre a personalidade e a procura da verdade.

Sobre a relação do aluno com os outros, a escola ensina-o a ser delicado, atencioso — especialmente com os idosos e os mais pequenos — sociável e agradecido, progredindo para o respeito e o convívio saudável com o sexo oposto. Cordialidade, simpatia, confiança e cooperação com os outros, ou compreensão pela personalidade do próximo, procurando perceber

com honestidade os diferentes pontos de vista, são princípios transmitidos na escola.

No que toca à natureza e às divindades, é incutido nas crianças japonesas o valor da vida e da beleza, o amor às plantas e aos animais, o respeito pelos recursos naturais e pelo poder divino e a alegria de viver como ser humano, com todas as suas fraquezas, mas com viva confiança na capacidade de ultrapassar essas condições.

Finalmente, na relação com a sociedade, o aluno aprende a cumprir as obrigações e a aceitar as regras, a utilizar com cuidado os bens comuns, a respeitar a família, os professores e os superiores, a valorizar o trabalho, aplicando-se com vontade, determinação e alegria a servir o grupo. Preservar e defender a cultura do Japão e a memória dos antepassados, participar na sociedade, reconhecer o seu papel no colectivo, ser justo sem preconceitos ou discriminações, respeitar os estrangeiros e a sua cultura, promover o desenvolvimento do Japão e da cultura japonesa no contexto da sociedade global e na defesa da paz mundial são também normas orientadoras de comportamento.

Na escola, a conduta social do aluno é objecto de classificação, pelo que uma má nota na área da educação cívica reflectir-se-á no acesso aos estabelecimentos de ensino mais credenciados, com natural repercussão na vida profissional futura.

Reconhecemos muitos destes princípios como a base da sociedade cristã e estes valores como verdadeiros, mas, enquanto para os cristãos quem ajuíza é um Deus misericordioso que perdoa e absolve, para os japoneses são a sociedade e o homem, menos tolerantes e permissivos, que avaliam e regem a conduta de cada qual, contribuindo assim para um maior civismo.

Desse civismo faz parte a contenção das palavras e o tom em que são pronunciadas. Entre os povos mediterrânicos serão porventura os portugueses os mais contidos e silenciosos, mas, se nos colocarmos em terras japonesas, dar-nos-emos conta de quão barulhentos somos.

ESTUDOS DE CULTURA



Fig. 8a e 8b: Os pavimentos, com os seus padrões, os muros e as cercas, tanto de pedra como de cerâmica ou de bambu, disciplinam e limitam o ambiente. Fotografias do autor.

Os japoneses sempre se exprimiram muito mais por atitudes e gestos do que por palavras, mas, apesar disso, a lei e as posturas municipais do controle ambiental regulam as fontes geradoras de ruído e de vibrações.

Como vive entre paredes de papel, por muitos dispositivos legais que existam para restringir o ruído, o japonês é contido nas palavras e no volume da voz.

Cabe então ao homem respeitar o seu semelhante, os seus antepassados e a terra onde vive, que ele acima de tudo valoriza, protege e embeleza.

Nesse mundo por eles criado, o jardim japonês reflecte a história da religião no Japão.

O JARDIM JAPONÊS PELOS OLHOS DOS VIAJANTES PORTUGUESES

Em meados do século XVI, por altura da chegada dos portugueses ao Japão, o jardim português afirmara já as suas potencialidades, fosse nas residências senhoriais, ou nos quintais mais humildes. Na tradição mediterrânica e islâmica desse jardim pontificavam as cores e os odores sublinhados por tanques de água, que traziam a frescura ao ambiente e realçavam o cromatismo e o cheiro de plantas e de flores.

No jardim japonês, tal não acontece; por isso, os viajantes portugueses registaram na sua memória e nos

seus sentidos a especificidade desses espaços de lazer, recreio e espiritualidade.

Nos primeiros relatos de Jorge Álvares, em 1544, um ano passado sobre o encontro pioneiro entre japoneses e ocidentais protagonizado por três aventureiros portugueses em Tanegashima, e séculos volvidos, através de Wenceslau de Moraes, as características do jardim japonês impressionaram a sensibilidade dos portugueses. Disso nos dá conta ainda Luís Fróis, em pleno século XVI, quando no seu admirável tratado, em que compara as culturas ocidental e japonesa, nos refere:

Antre nós há muitas rosas, flores, cravos e ervas cheirosas e mui odoríferas; em Japão mui poucas destas cousas têm cheiro.

Em Europa se fazem tanques de parede quadrados e limpos; em Japão fazem umas lagoazinhas ou balsas com recantos e enseadas pequenas, com penedos e ilhazinhas no meo, e isto cavado no chão.³

QUIOTO — A CRIAÇÃO DOS JARDINS MAIS ELABORADOS

O jardim japonês era trabalhado na tradição



Fig. 9: Através dos contactos entre a China e o Japão, promovidos pelo budismo, em 1191 foi introduzido pelo monge Eisai (1141–1215) o costume do chá. Fotografia do autor.

budista. Nos jardins de então procuravam-se reconstruir em miniatura réplicas do Monte Sumeru, elemento do universo budista, e neles não faltavam as pontes de acesso. Tratando-se naturalmente de um exemplo primitivo da tradição nipónica, este jardim depressa evoluiu para o tipo comum, onde o lago informe, de margens naturais, suporta um ilhéu e onde todos os pormenores concorrem para recriar, em miniatura, o carácter irregular da natureza. Segundo essa tradição, data já então do século VIII o uso de areia e de seixos na construção e no arranjo dos jardins.

Com a transferência da capital para Quioto no final do século VIII, esta cidade vai ser, no milénio subsequente (793–1867), o palco privilegiado da evolução desta arte tão querida aos japoneses e de profundas raízes na sua cultura. Entre os mais conhecidos exemplos do património arquitectónico japonês, é frequente que o valor do conjunto esteja emblematicamente focalizado na componente paisagística, e não no imóvel construído, bem ao contrário da tradição europeia.

Apesar do refinamento de que a partir de então o jardim japonês foi alvo, os princípios básicos da sua composição nunca foram abandonados. Nele procura-se sempre recriar uma montanha em miniatura,



Fig. 10: No exterior, um tanque de pedra fornece a água necessária para a preparação da cerimónia e a purificação daqueles que nela vão participar. Fotografia do autor.

bordejada por um lago de formas irregulares, alimentado por um curso de água ao jeito de nascente natural.

A cidade de Quioto, capital e residência do imperador, serviu durante esses séculos de base para a construção dos mais delicados e sofisticados jardins, os quais, ao longo dos tempos, foram evoluindo em qualidade e refinamento. Centro da espiritualidade budista, poupada a conflitos e calamidades naturais, Quioto é ainda, e felizmente, o repositório dessa arte tão enraizada no quotidiano nipónico.

Acresce que a natureza dotou Quioto das melhores condições para a preservação e desenvolvimento dos jardins. Cercada de uma cordilheira de montanhas, sulcada por importantes cursos de água que vão alimentando os mil e um lagos dos infundáveis jardins, a cidade parece guardar entre os seus limites naturais as melhores condições para a preservação desses maravilhosos espaços naturais.

Nas montanhas baixas de Quioto cresce então uma floresta densa e diversificada, que poupa o solo à erosão e serve, ainda hoje, de moldura ambiental ao perímetro urbano. Certamente que estas montanhas muito terão contribuído para a inspiração dos mestres que, ao longo dos séculos, foram reinventando o jardim japonês, depurando o conjunto nos pormenores da

ESTUDOS DE CULTURA

composição e enriquecendo o todo nos princípios gerais por que se rege. Ao mesmo tempo, o enquadramento natural, tão rico em espécies arbóreas e musgos, forneceu a matéria-prima aos artistas e artesãos. Por outro lado, os cursos de água, os rios Katsura e Kamo, que ainda correm abundantemente em Quioto, oferecem também as areias, os seixos e os inertes tão necessários ao trabalho dos mestres e dos artistas.

Copiada da matriz chinesa, segundo a organização ortogonal da cidade de Chang'an, Quioto, na sua dimensão actual, cercada de uma cintura de muralhas, terá ficado concluída no século IX.

A ARTE DOS JARDINS

A presença de cursos de água corrente, preparados com base no sistema de *yarimizu*, dotou os jardins de Quioto de uma permanente frescura mesmo no estio, quando o calor aperta ou sufoca. Nessa linha é da maior importância a criação de quedas de água que caracterizaram os jardins japoneses já à data da fundação de Quioto como capital. Associados ao enquadramento natural da cidade, os jardins japoneses, sobretudo os de Quioto, têm nos declives e nas irregularidades do terreno uma das suas características mais marcantes, pois, tirando partido da orografia, o espaço é concebido em momentos de surpresa e em recantos de imprevisita harmonia, onde amiúde os planos se sucedem e interrompem. O jardim não deve apenas imitar a natureza, mas reflectir o seu espírito.

Como já foi referido, a arte e tradição dos jardins estão intimamente ligadas aos princípios da religião budista, sem se apartar dos conceitos básicos do xintoísmo, que zela pela preservação da natureza. Nessa perspectiva, quer o imperador, quer as mais diversas seitas, procuraram enfatizar a sua devoção e poder, promovendo a construção de jardins mais belos e admiráveis. De acordo com a filosofia budista, surgem então os lagos, onde os lótus abundam, construídos defronte dos edifícios principais.



Fig. 11: O percurso pedonal que leva o participante até ao canto do jardim pretende criar a atmosfera de isolamento para a reflexão e para o prazer que a cerimónia do chá transmite aos que nela participam. Fotografia do autor.

Um dos mais admiráveis jardins deste período é o do Templo de Byodo-in — que vemos numa das faces da moeda de 10 ienes e de cujo lugar nos falou Moraes, no seu livro *O Culto do Chá*,⁴ construído em Uji, uma localidade às portas de Quioto. Os lagos, com os imensos lótus, e as pontes que se erguem defronte dos edifícios sugerem a passagem para o paraíso, numa alusão aos princípios do budismo defendidos pela seita.

Aqui, como noutros jardins de outras épocas, a cor está praticamente ausente, pois os delicados lótus, apesar das exuberantes folhas, apresentam apenas pequenos botões de um rosa desmaiada.

Também o famoso jardim do Templo de Ouro em Quioto, segue os mesmos princípios do Templo de Byodo-in. O pavilhão foi construído no centro da

composição, ao lado do lago com lótus, que contém rochas que simulam as nove montanhas e os oito mares que rodeiam o Monte Sumeru.

A filosofia *jodo* das escolas amidistas, bem presente nestes exemplos, continua influente até ao período Edo, ou seja, até ao início do século XVII, e expressa-se nos famosos jardins *zen*. O jardim *zen* vai alterar a atmosfera do tradicional jardim japonês. Torna-se mais pequeno, porque é, geralmente, construído intramuros, e adopta uma linguagem minimalista bem característica deste movimento. Promovido pela nobreza e pela classe militar, que entretanto ganhava notoriedade, o movimento *zen* vai ditar os princípios dos mais sofisticados jardins japoneses.

Com base neste movimento, a riqueza dos jardins, nas suas mais variadas combinações de árvores, arbustos, musgos, lagos e água, é repudiada e dá lugar a espaços mais depurados. No ‘jardim seco’, o elemento água é substituído por gravilha e rochas, numa criação de espaços dedicados à meditação e à tranquilidade. Os criadores dão ênfase à textura e à forma das pedras, que são os elementos ‘vivos’ deste jardim. O exemplo mais conhecido do jardim *zen* é, sem sombra de dúvida, o jardim do Templo de Ryoan-ji, também em Quioto. O uso de pedras na composição dos jardins parece estranho aos olhos ocidentais, mas, para os japoneses, que acreditam que os deuses, os *kami*, estão nelas incorporados, faz todo o sentido.

Na concepção do jardim japonês, qualquer que seja o período, é fundamental o bom emprego dos elementos que fazem parte do vocabulário arquitectónico e das regras que determinam a gramática usada na sua concepção. Nos jardins *zen* são fundamentais as pedras, a areia e o seu desenho. Nos jardins mais tradicionais, os cursos de água, as cascatas e os lagos são os elementos vivos da composição. Os pavimentos, com os seus padrões, os muros e as cercas, tanto de pedra como de cerâmica ou de bambu, disciplinam e limitam o ambiente. As pontes, as lanternas e as bacias de água que decoram a paisagem,

as carpas que animam os lagos e a selecção das plantas determinam, pela plasticidade escolhida e encontrada, o resultado do jardim como peça de arte e exemplo de sofisticação.

A escolha das espécies arbóreas, sejam elas de folha persistente ou caduca, pode conferir, pela cor e pelas tonalidades, conforme a evolução das estações e do seu ciclo natural, a noção de profundidade e de amplitude.

O CAMINHO DO CHÁ

Através dos contactos entre a China e o Japão, promovidos pelo budismo, em 1191, foi introduzido pelo monge Eisai (1141–1215), o costume do chá, recomendado pelas suas propriedades medicinais e ingerido como estímulo para os longos períodos de meditação. Depressa se divulgou esta prática entre os bonzos e a nobreza, alargando-se, sucessivamente, a toda a população desde o século XII até aos nossos dias.

Fundador da seita *zen*, Eisai redigiu a primeira obra em japonês sobre esta bebida. Na actualidade, o filósofo japonês Yanagi Muneyoshi (1889–1961) defendeu que ‘a via do chá é o caminho da salvação através da beleza’. Das palavras do pensador compreende-se que o chá tem estado intimamente ligado à religião, ao budismo e ao jardim japonês.

Após a sua introdução da China, a cerimónia do chá mereceu algum refinamento no século XV, por influência de Murata Shuko (1422–1502), o qual, inspirado na prática *zen* e nos ensinamentos do mestre Ikkyu Sojun (1394–1481), estabeleceu as regras e introduziu a espiritualidade característica desta arte japonesa. Foi também sob a influência de Murata Shuko que objectos de origem japonesa começaram a ser utilizados na cerimónia ao lado dos outros de origem chinesa.

Deve-se também ao mestre Murata Shuko, conservador das colecções de arte chinesa do Xógun Ashikaga Yoshimasa, a primeira utilização de um rolo



Fig. 12: Um recanto muito especial dos jardins japoneses é o dedicado às cerejeiras. Fotografia do autor.

de caligrafia como decoração do *tokonoma*, o espaço feito altar que ornamenta o pavilhão do chá. Terá sido o mestre Sen no Rikyu, contemporâneo da presença portuguesa no Japão, que levou a cerimónia ao seu actual estado de sofisticação. Oriundo de uma família de mercadores da cidade de Sakai, o porto que servia a capital, e não sendo estranho à presença portuguesa e aos católicos com quem privou, Sen no Rikyu (1522–1591) vai reformar a cerimónia do chá e conferir-lhe a imagem que hoje apresenta. De acordo com o mestre, a natureza está sempre presente na cerimónia. Tal como testemunha João Rodrigues Tçuzzu na *História da Igreja do Japão*, o carácter rústico dos pavilhões do chá contrasta com o esplendor cada vez mais brilhante das habitações principais.⁵ Foi o mestre que estabeleceu as dimensões ideais com que até hoje os pavilhões do chá são concebidos, diminuindo o seu espaço interior para criar uma maior intimidade entre o celebrante e o convidado, imaginando uma antecâmara para os preparativos da cerimónia e, mais do que tudo, concebendo uma entrada estreita e baixa,

para, ao entrar, o convidado ser obrigado a baixar-se, numa atitude de humildade perante a vida exterior. De acordo com as reformas do mestre Sen no Rikyu, os espaços para a realização da cerimónia são quase sempre escolhidos entre os locais mais recônditos dos jardins e denotam, na escolha dos materiais de construção, a simplicidade com o que ele pretendia exaltar. Neles encontramos toscos ramos de árvore a substituir pilares e vigas e tudo o mais evoca o estado primitivo e natural da paisagem.

No exterior, um pequeno tanque de pedra fornece a água necessária para a preparação da cerimónia e a purificação daqueles que nela vão participar. O percurso pedonal que leva o participante até ao canto do jardim pretende criar a atmosfera de isolamento necessária para a reflexão e para o prazer que a cerimónia do chá transmite aos que nela participam. O *chanoyu*, ou a cerimónia do chá, e o espaço criado para a sua celebração, sendo uma expressão artística, constituem uma parte importante da concepção dos jardins japoneses.

Por isso o projecto dos pavilhões do chá, *soan*, é entregue a arquitectos especialistas que assumem os princípios ditados por Sen no Rikyu como uma arte.

CONCLUSÃO

Outro recanto muito especial dos jardins japoneses é o dedicado às cerejeiras. É sabido, e disso deram bem conta os portugueses que visitaram o Japão ao longo dos séculos, que estas árvores servem apenas para o deleite dos japoneses, como dizia Luís Fróis no seu famoso tratado:

*As nossas cerejeiras dão mui gostosas e fermosas cerejas; as de Japão dão muito pequenas e amargosas cerejas e muito fermosas flores, que os japões estimam.*⁶

As cerejeiras, que florescem em Abril, no início da Primavera, oferecem aos japoneses um dos momentos mais brilhantes do seu quotidiano. Independentemente da classe social ou da idade, todos

os japoneses aproveitam o espectáculo que a natureza lhes proporciona para criarem momentos de convívio e descontração entre familiares, amigos ou colegas.

No Japão, a cerejeira é um dos poucos apontamentos de cor num jardim em que o inédito cria o exótico, como diria ainda Luís Fróis:

*Antre nós se trabalha muito que as árvores vão direitas pera cima; em Japão vaza to [de propósito] lhe penduram pedras nos ramos pera as fazer ir tortas.*⁷

Num jardim, que pretende imitar a natureza, tudo, afinal, é controlado e meticulosamente concebido e conservado.

A intimidade que o japonês tem com a natureza e o ambiente é afinal consequência da sua formação xintoísta aperfeiçoada e complementada nos princípios do budismo que foi beber à civilização chinesa e molda, ao longo da vida, as suas raízes culturais num equilíbrio (quase) impossível. **RC**

NOTAS

- 1 O peculiar relacionamento dos missionários jesuítas com o Japão, Francisco Xavier (1506–1552) desembarca a 15 de Agosto de 1549 em Kagoshima na companhia de dois japoneses feitos cristãos com o intuito de evangelizar o Cipango de Marco Polo.
- 2 *Nihongi: Chronicles of Japan from the Earliest Times to A.D. 697*, trad. W. G. Aston (Rutland: Charles E. Tuttle, 1985).
- 3 Luís Fróis, *Europa Japão: Um Diálogo Civilizacional no Século XVI* (Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos

- Descobrimientos Portugueses, 1993), 148–149.
- 4 Wenceslau de Moraes, *O Culto do Chá* (Kobe: Typographia do Kobe Herald, 1905).
- 5 João Rodrigues Tçuzzu, *História da Igreja do Japão*, preparada por João do Amaral Abranches Pinto (Macau: Notícias de Macau, 1954).
- 6 Fróis, *Europa Japão*, 148–149.
- 7 Fróis, *Europa Japão*, 148–149.

BIBLIOGRAFIA

Fróis, Luís. *Europa Japão: Um Diálogo Civilizacional no Século XVI*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1993.

Moraes, Wenceslau de. *O Culto do Chá*. Kobe: Typographia do Kobe Herald, 1905.

Nihongi: Chronicles of Japan from the Earliest Times to A.D. 697.

Traduzido por W. G. Aston. Rutland: Charles E. Tuttle, 1985.

Tçuzzu, João Rodrigues. *História da Igreja do Japão*. Preparada por João do Amaral Abranches Pinto. Macau: Notícias de Macau, 1954.